

A  
ASCENSÃO  
da  
RAINHA

REBECCA ROSS

*Tradução de*  
Regiane Winarski

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

Ross, Rebecca

R738a A ascensão da rainha [recurso eletrônico] / Rebecca Ross; tradução  
Regiane Winarski. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera, 2021.  
recurso digital (A ascensão da rainha; 1)

Tradução de: The queen's rising

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-025-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane.  
II. Título. III. Série.

21-71129

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Título original:

*The Queen's Rising*

Copyright © 2018 by Rebecca Ross

Leitura sensível: Lorena Ribeiro

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de  
quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil  
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se  
reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-025-3

Seja um leitor preferencial Record  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba  
informações sobre nossos lançamentos e nossas  
promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)



*Para Ruth e Mary,  
Mestra da Arte e Mestra do Conhecimento*

# —> } SUMÁRIO { —>

Personagens

Árvore genealógica da família Allenach

Árvore genealógica da família MacQuinn

Árvore genealógica da família Morgane

Árvore genealógica da família Kavanagh

Prólogo

## PARTE UM — *MAGNALIA*

1. Cartas e lições
2. Um retrato maevano
3. Cheques e Marcas
4. Os três ramos
5. A Pedra do Anoitecer
6. A queda
7. Bisbilhoteira
8. O solstício de verão
9. Canção do Norte
10. Sobre mantos e presentes
11. Enterrada

## PARTE DOIS — *JOURDAIN*

12. Um pai patrono
13. Amadine
14. Irmão de paixão

15. Vínculos elusivos
16. A Pena sinistra
17. Uma lição de esgrima
18. Oblíquo
19. Fim do verão
20. Perante um rei

PARTE TRÊS — *ALLENACH*

21. A mademoiselle da rosa prateada
22. D'Aramitz
23. A passagem pela tapeçaria
24. A caçada
25. O aviso
26. Ferimentos e pontos
27. O que não pode ser
28. Um coração dividido
29. As palavras despertam do sono
30. Os três estandartes
31. O choque do aço

PARTE QUATRO — *MACQUINN*

32. Que a rainha ascenda
33. Campos de Corogan
34. Aviana

# PERSONAGENS

## CASA MAGNALIA

---

A Viúva de Magnalia

### *Ariais de Magnalia:*

Solene Severin, mestra de arte

Evelina Baudin, mestra de música

Xavier Allard, mestre de teatro

Therese Berger, mestra de sagacidade

Cartier Évariste, mestre de conhecimento

### *Ardens de Magnalia:*

Oriana DuBois, arden de arte

Merei Labelle, arden de música

Abree Cavey, arden de teatro

Sibylle Fontaine, arden de sagacidade

Ciri Montagne, arden de conhecimento

Brienna Colbert, arden de conhecimento

### *Outros que visitam Magnalia:*

Francis, mensageiro

Rolf Paquet, avô de Brienna

Monique Lavoie, patrona

Nicolas Babineaux, patrono

Brice Mathieu, patrono

## CASA JOURDAIN

---

Aldéric Jourdain

Luc Jourdain

Amadine Jourdain

Jean David, lacaio e cocheiro

Agnes Cote, governanta

Pierre Faure, chef

Liam O'Brian, nobre

### *Outros envolvidos com Jourdain*

Hector Laurent (Braden Kavanagh)

Yseult Laurent (Isolde Kavanagh)

Theo d'Aramitz (Aodhan Morgane)

## CASA ALLENACH

---

Brendan Allenach, lorde

Rian Allenach, filho primogênito

Sean Allenach, segundo filho

### *Outros citados*

Gilroy Lannon, rei de Maevana

Liadan Kavanagh, a primeira rainha de Maevana

Tristan Allenach

Norah Kavanagh, terceira princesa Maevana

Evan Berne, impressor

## AS QUATORZE CASAS DE MAEVANA

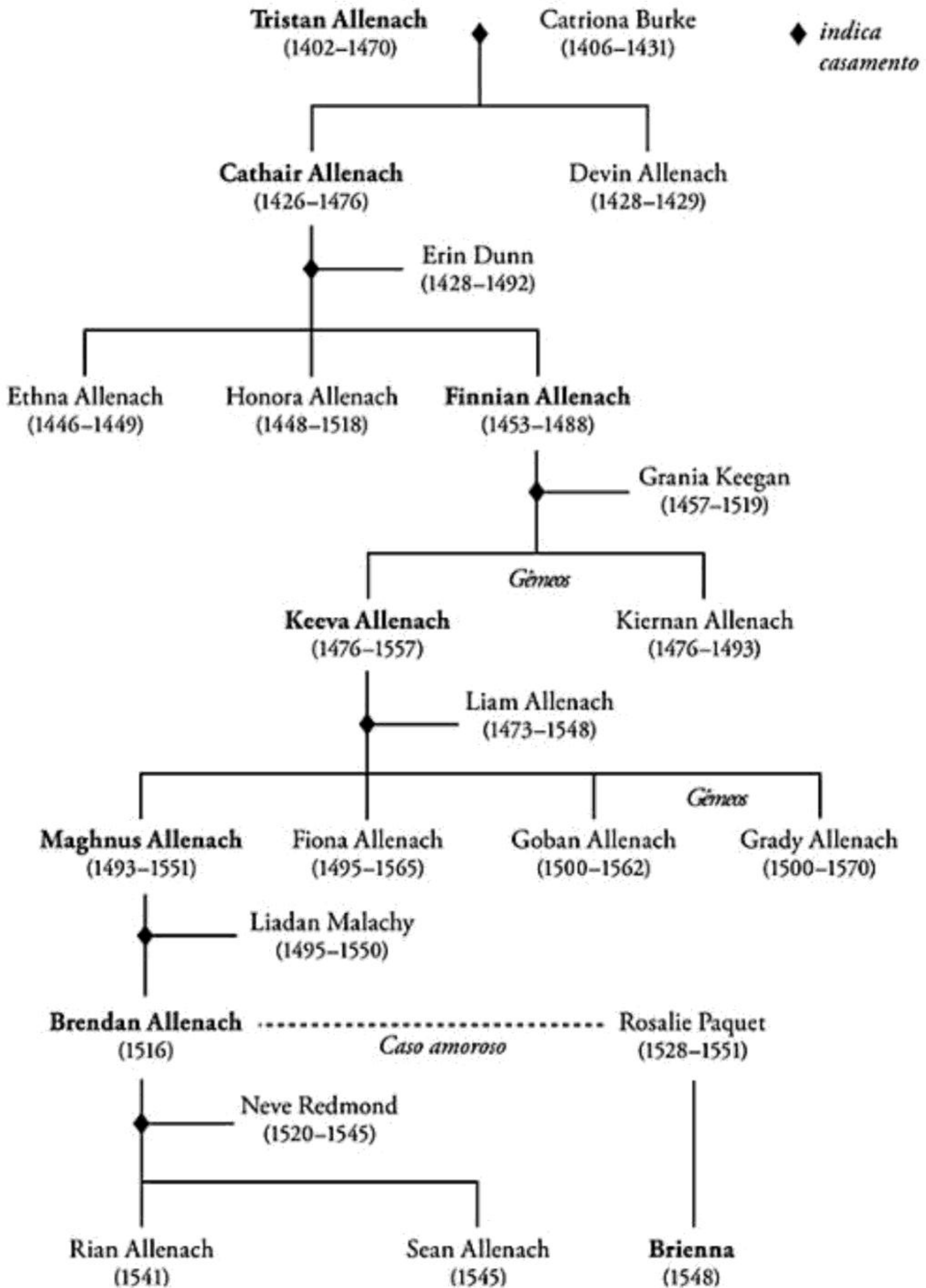
---



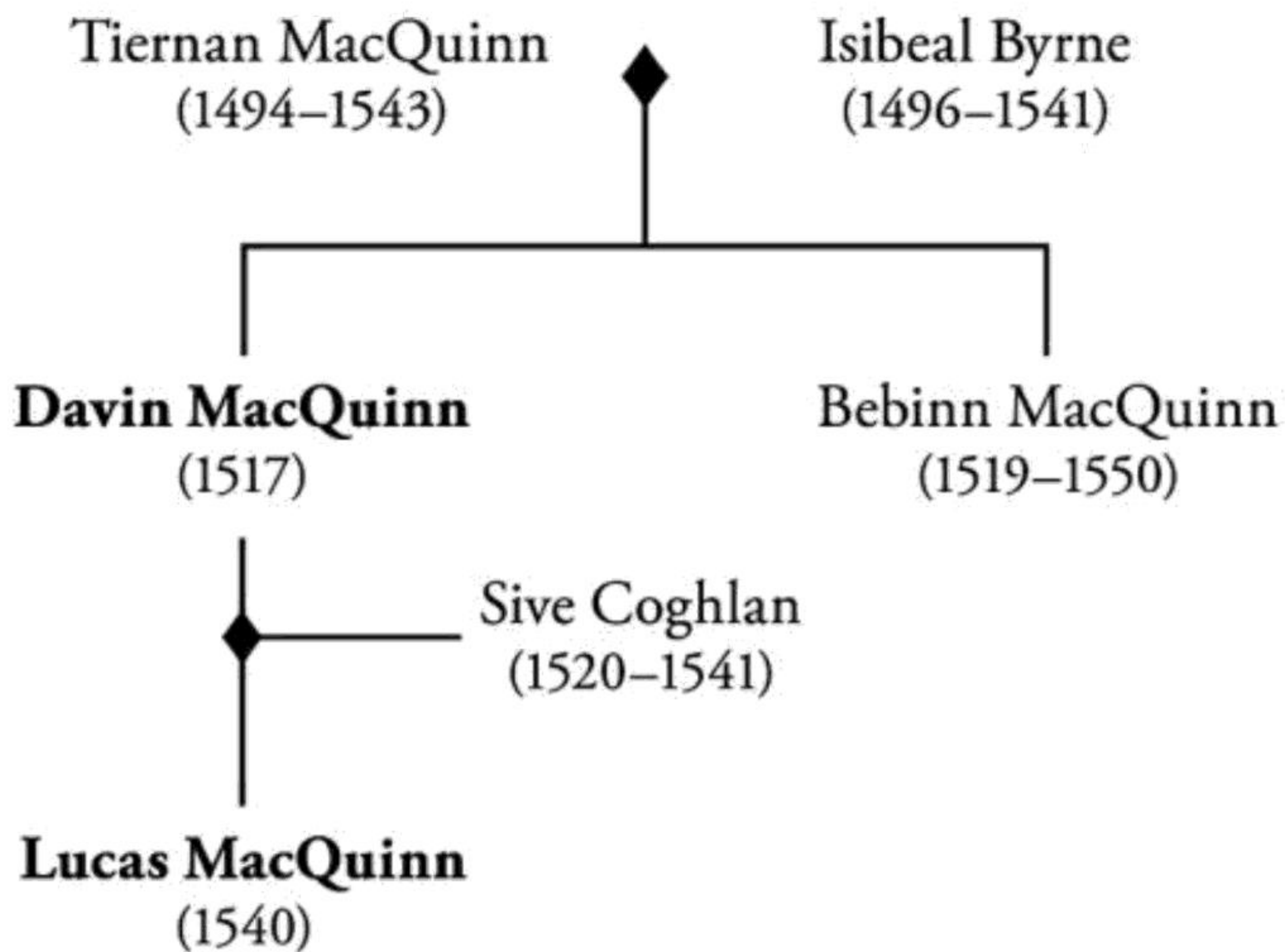
Allenach, o Sagaz  
Kavanagh, o Brilhante\*  
Burke, o Anciã  
Lannon, o Impetuoso  
Carran, o Corajoso  
MacBran, o Misericordioso  
Dermott, o Amado  
MacCarey, o Justo  
Dunn, o Sábio  
MacFinley, o Pensativo  
Fitzsimmons, o Gentil  
MacQuinn, o Determinado\*  
Halloran, o Decoroso  
Morgane, o Veloz\*

\* Indica uma Casa derrotada

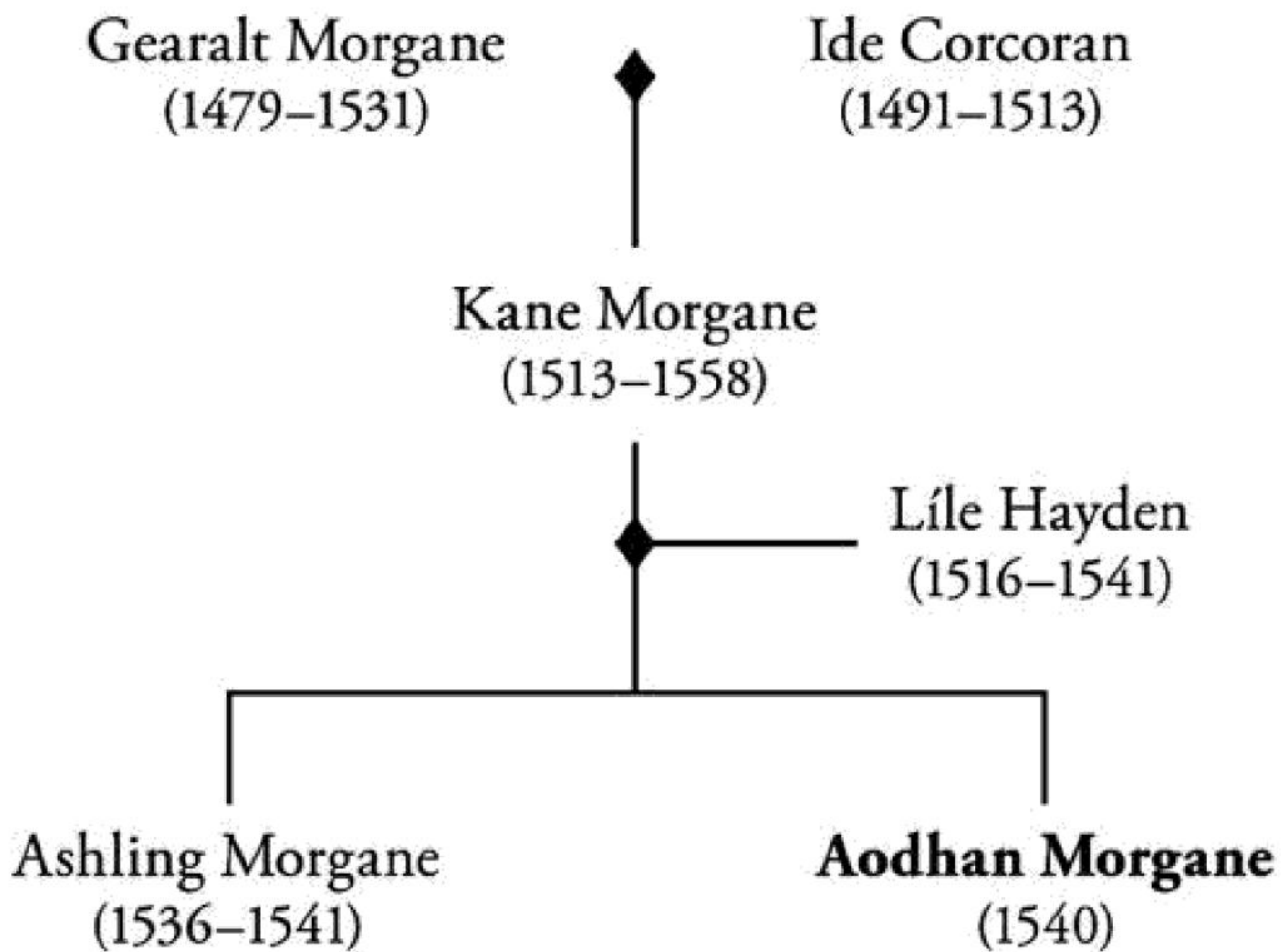
# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA ALLENACH



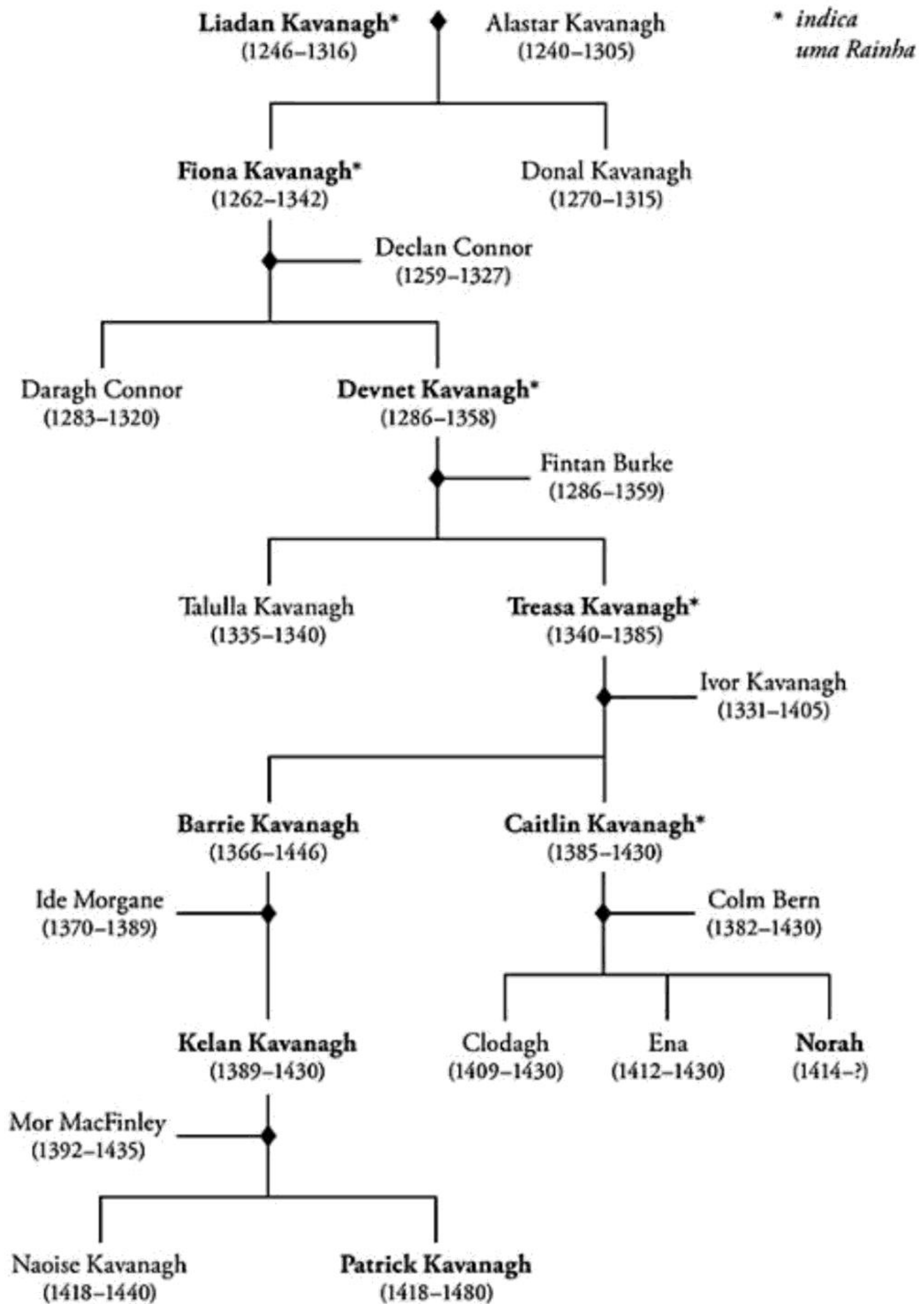
# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA MACQUINN



# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA MORGANE



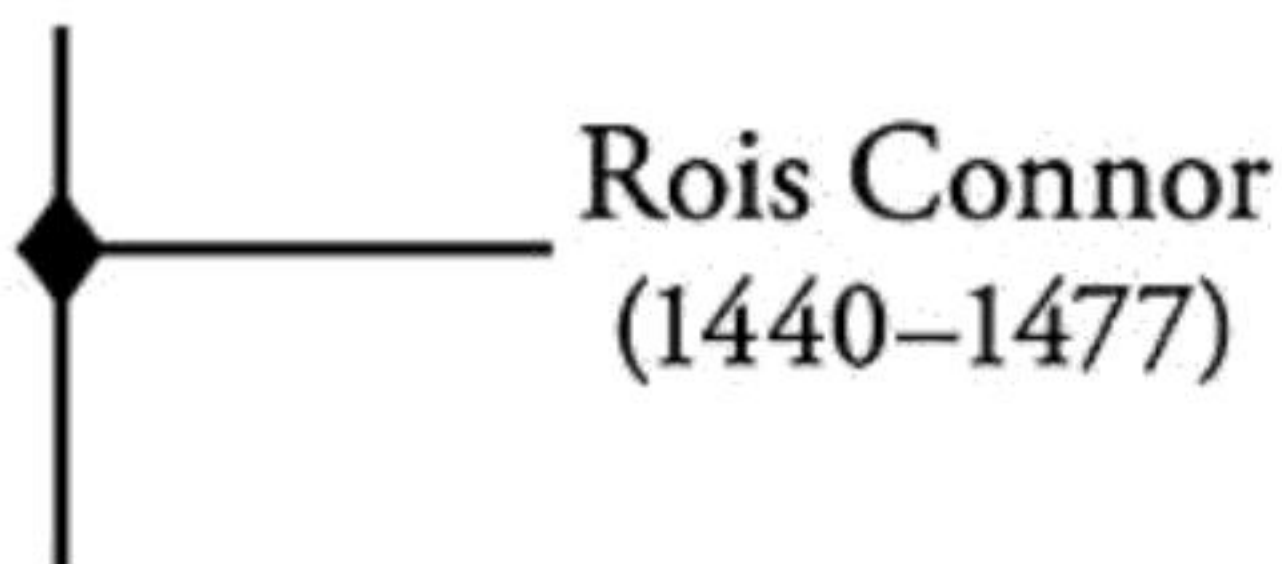
# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA KAVANAGH



# FAMÍLIA KAVANAGH

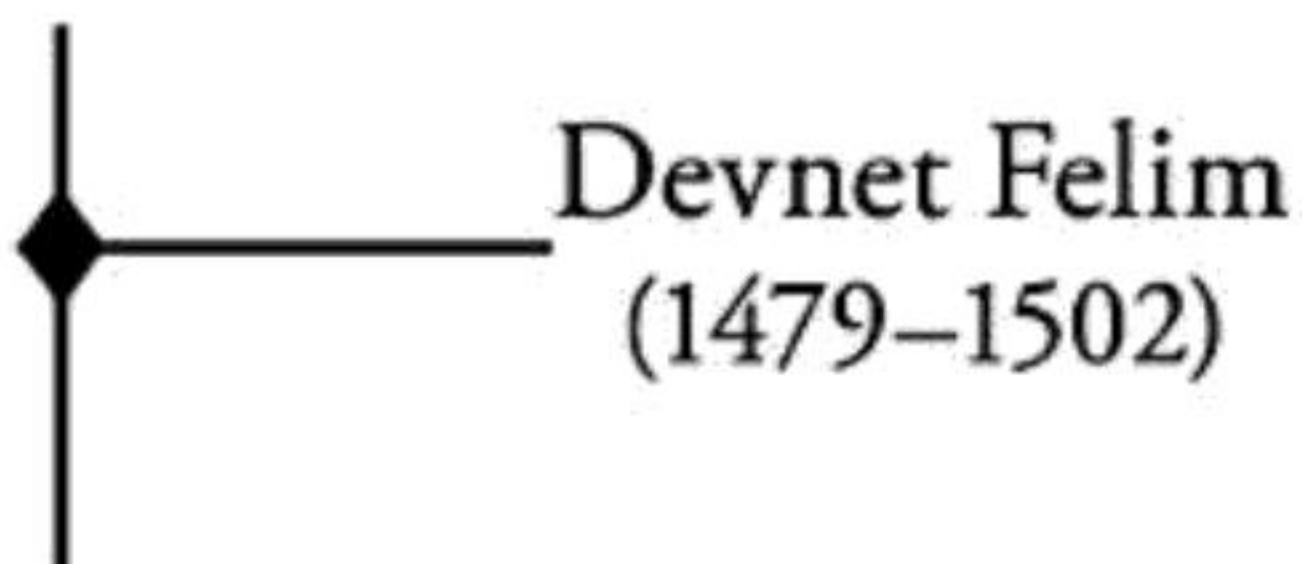
*(cont.)*

**Patrick Kavanagh**  
(1418–1480)



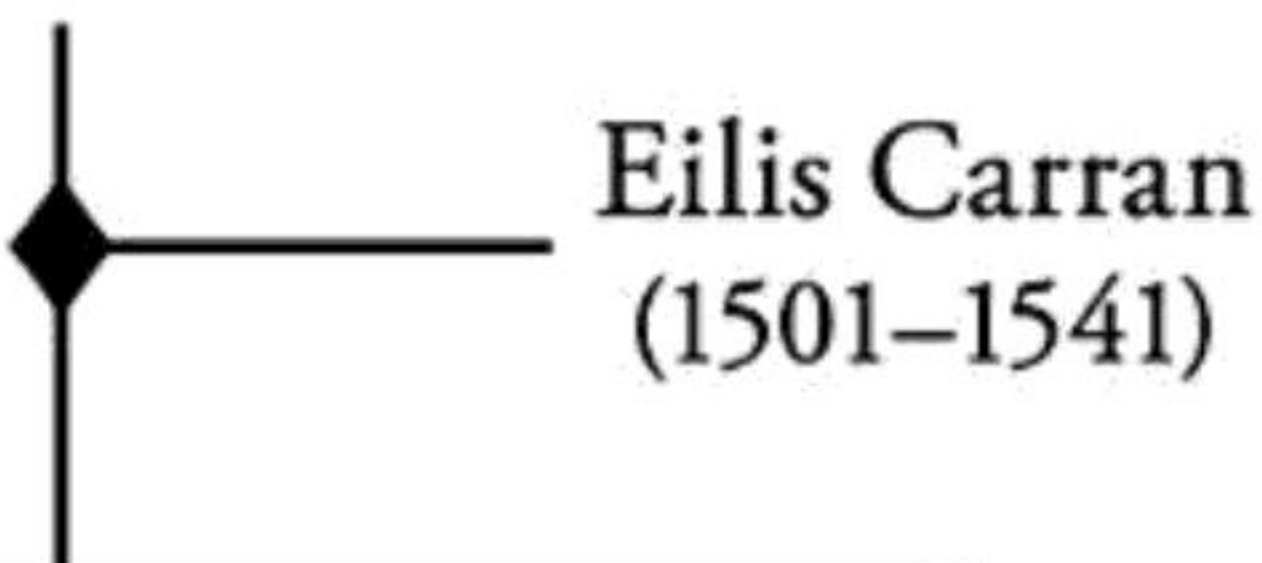
**Rois Connor**  
(1440–1477)

**Cathan Kavanagh**  
(1477–1531)



**Devnet Felim**  
(1479–1502)

**Braden Kavanagh**  
(1502)



**Eilis Carran**  
(1501–1541)

**Shea Kavanagh**  
(1525–1541)

**Isolde Kavanagh**  
(1538)

## —> } PRÓLOGO { —>

*Verão de 1559*

*Província de Angélique, reino de Valénia*

A Casa Magnalia era o tipo de estabelecimento onde apenas garotas ricas e talentosas iam estudar para dominar sua paixão. Não era um lugar para crianças carentes, filhas ilegítimas e muito menos para garotas que desafiavam reis. É claro que, por acaso, sou todas essas três coisas.

Eu tinha 10 anos quando meu avô me levou pela primeira vez a Magnalia. Além de ser o dia mais quente do verão, uma tarde de nuvens pesadas e pavios curtos, foi o dia em que decidi fazer a pergunta que me assombrava desde que fui colocada no orfanato.

— Vovô, quem é meu pai?

Ele estava sentado no banco à minha frente, com os olhos cansados por conta do calor, até que minha pergunta o sobressaltou. Era um homem decente, mas muito discreto. Por causa disso, eu acreditava que tinha vergonha de mim, a filha ilegítima de sua amada e falecida filha.

Porém, naquele dia abafado, estava preso comigo numa carruagem, e eu havia elaborado uma pergunta que ele precisaria responder. Olhou para meu rosto expectante, franzindo a testa como se eu tivesse pedido a ele que arrancasse a lua do céu.

— Seu pai não é um homem respeitável, Brienna.

— Ele tem nome? — insisti.

O tempo quente me deixava ousada, ao mesmo tempo que derrubava os mais velhos, como o vovô. Estava confiante de que finalmente iria me contar de quem eu descendia.

— Todos os homens têm, não? — retrucou, ficando mal-humorado.

Estávamos viajando naquele calor havia dois dias.

Observei enquanto se atrapalhava para retirar o lenço do bolso e secar o suor da testa enrugada, que era pintada como a casca de um ovo. Tinha o rosto ruborizado, o nariz exagerado e uma coroa de cabelos brancos. Diziam que minha mãe era linda, e que eu era seu reflexo, mas não conseguia imaginar que uma pessoa feia como o vovô pudesse gerar algo bonito.

— Ah, Brienna, criança, por que precisa me perguntar sobre ele? — suspirou, desanimando-se um pouco. — Vamos falar do que está por vir, de Magnalia.

Engoli a decepção, que ficou entalada na garganta como uma bola de gude, e decidi que não queria falar sobre Magnalia.

A carruagem fez uma curva antes que eu pudesse exibir minha teimosia, e as rodas passaram das trilhas irregulares para um caminho de pedra mais uniforme. Olhei pelas janelas sujas de poeira. Meu coração acelerou com a visão, e cheguei mais perto, com os dedos abertos sobre o vidro.

Admirei primeiro as árvores, com seus longos galhos arqueados sobre o caminho, como braços abertos. Cavalos pastavam tranquilamente no gramado, com o pelo umedecido de suor sob o sol de verão. Na distância, além do pasto, ficavam as montanhas azuis de Valenia, a espinha dorsal do nosso reino. Era uma



paisagem que aliviava minha decepção; uma terra para se cultivar milagres e coragem.

Seguimos em frente, por baixo dos galhos de carvalho colina acima, e finalmente paramos em um pátio. Através da névoa, olhei para as pedras cinzentas e extravagantes, para as janelas reluzentes e para a hera que escalava as paredes da Casa Magnalia.

— Agora escute, Brienna — disse vovô, apressando-se em guardar o lenço. — Você precisa se comportar excepcionalmente bem. Como se fosse conhecer o rei Phillipe. Precisa sorrir e fazer reverências, e não dizer nada que não seja apropriado. Consegue fazer isso pelo vovô?

Assenti, perdendo a voz de repente.

— Muito bem. Vamos rezar para que a Viúva a aceite.

O cocheiro abriu a porta, e vovô sinalizou para que eu desembarcasse antes dele. Saí da carruagem com as pernas trêmulas, e me senti pequena quando inclinei a cabeça para trás e contemplei a propriedade grandiosa.

— Conversarei com a Viúva primeiro, em particular, e, depois, você irá conhecê-la — instruiu, puxando-me pela escada até a porta da frente. — Lembre-se de que tem de ser educada. Este é um lugar para garotas cultas.

Ele examinou minha aparência enquanto tocava a campainha. Meu vestido azul-marinho estava amassado da viagem, as tranças se soltavam e o cabelo em volta do rosto estava desganhado. Contudo, a porta se abriu antes que meu avô pudesse comentar sobre meu estado de descuido. Adentramos Magnalia lado a lado, atravessando as sombras azuis do saguão.

Enquanto meu avô era recebido no escritório da Viúva, aguardei no corredor. O mordomo me ofereceu um lugar em um banco acolchoado junto à parede, onde esperei sozinha, balançando os pés nervosamente enquanto encarava o piso quadriculado preto e branco. Era uma casa silenciosa, como se lhe faltasse o coração. E, como estava tão silenciosa, eu conseguia ouvir meu avô e a Viúva conversando, ao passo que as palavras atravessavam as portas do escritório.

— Em torno de qual paixão ela gravita? — perguntou a Viúva, e a voz era intensa e suave, como um rastro de fumaça contra o céu em uma noite de outono.

— Ela gosta de desenhar... E se sai muito bem nisso. Também tem uma imaginação vívida. Seria ótima em teatro. E música; minha filha era muito talentosa com o alaúde, sem dúvida Brienna herdou um pouco disso. O que mais... ah, sim, dizem no orfanato que gosta de ler. Leu todos os livros de lá duas vezes.

Vovô estava tagarelando. Ele sabia o que estava dizendo? Nunca tinha me visto desenhar, tampouco ouvido minha imaginação.

Desci do banco e, silenciosamente, cheguei mais perto. Com o ouvido encostado à porta, absorvi as palavras.

— Isso tudo é muito bom, monsieur Paquet, mas o senhor entende que, por “paixão”, quero dizer que sua neta precisa dominar *uma* das cinco paixões, e não todas.

Vislumbrei as cinco paixões em minha mente: *Arte. Música. Teatro. Sagacidade. Conhecimento.* Magnalia era um lugar aonde uma garota poderia ir para se tornar uma arden, uma aprendiz. Poderia escolher uma das cinco paixões para estudar de forma

diligente sob as instruções e os cuidados de um mestre ou mestra. Quando chegasse ao auge do talento, a garota ganharia o título de mestra, recebendo seu manto: um símbolo individualizado de sua realização e de seu status. Ela se tornaria uma paixão da arte, ou uma paixão da sagacidade, ou daquilo a que se dedicasse.

Meu coração trovejou dentro do peito, e as palmas das mãos ficaram cobertas de suor quando me imaginei tornando-me uma paixão.

Qual eu deveria escolher, se a Viúva me aceitasse?

Porém, não consegui desenvolver aquela ideia, porque meu avô rebateu:

— Juro que Brienna é uma garota inteligente. Ela é capaz de dominar qualquer uma das cinco paixões.

— É gentileza sua pensar assim, mas devo dizer... minha Casa é muito competitiva, muito difícil. Já tenho as cinco ardens desta temporada de paixões. Se aceitar sua neta, um dos meus arials vai ter que instruir *duas* ardens. Isso nunca foi feito...

Estava tentando entender o que “arial” queria dizer (“instrutor”, talvez?) quando ouvi um ruído e dei um pulo para longe das portas duplas, esperando que fossem se abrir, e que eu fosse pega no flagra. Porém, devia ter sido apenas meu avô, ajeitando-se ansiosamente na cadeira.

— Posso garantir, madame, que Brienna não causará problemas. É uma menina muito obediente.

— Mas o senhor disse que ela mora em um orfanato? E não carrega seu sobrenome. Por que isso? — questionou a Viúva.

Houve uma pausa. Sempre me perguntei por que meu sobrenome não era igual ao de Vovô. Aproximei-me das portas

novamente, encostando o ouvido na madeira...

— É para proteger Brienna do pai, madame.

— Monsieur, temo que não possa aceitá-la se estiver em situação de perigo...

— Por favor, madame, escute-me só por um momento. Brienna tem dupla cidadania. A mãe dela, minha filha, era valeniana, e o pai é de Maevana. Sabe que ela existe, e fiquei receoso... com medo de que a procure e consiga encontrá-la pelo meu sobrenome.

— E por que isso seria tão horrível?

— Porque o pai dela é...

Do outro lado do corredor, ouvi o som de uma porta se abrindo e se fechando, seguido do clique de botas adentrando o corredor. Voltei correndo para o banco e praticamente caí sobre ele, fazendo com que as pernas quadradas do móvel se arrastassem no chão como unhas que arranham um quadro-negro.

Não ousei erguer o rosto, sentindo as bochechas corarem de culpa, enquanto o dono das botas foi se aproximando até parar na minha frente.

Achei que fosse o mordomo, até que me resignei a erguer o olhar e ver que era um rapaz jovem e terrivelmente bonito, com o cabelo da cor de campos de trigo sob o sol do verão. Era alto e magro, sem um vinco sequer no tecido da calça e da túnica, mas, mais do que isso... usava um manto azul. Era uma paixão, então, um mestre de conhecimento. Azul era a cor deles. E ele tinha acabado de descobrir que eu estava espionando a Viúva.

Lentamente, ele se agachou, parando na altura do meu olhar cauteloso. Ele segurava um livro, e reparei que os olhos eram tão

azuis quanto seu manto de paixão, da cor de centáureas.

— E quem seria você? — perguntou.

— Brienna.

— É um nome muito bonito. Você vai se tornar arden aqui em Magnalia?

— Não sei, monsieur.

— Quer se tornar uma?

— Sim, muito, monsieur.

— Não precisa me chamar de “monsieur” — corrigiu, delicadamente.

— Então como deveria chamá-lo, monsieur?

Ele não respondeu; apenas olhou para mim, com a cabeça inclinada para o lado, fazendo com que o cabelo louro recaísse sobre o ombro como um feixe de luz do sol. Queria que fosse embora, mas também queria que continuasse conversando comigo.

Foi naquele momento que as portas do escritório se abriram. O mestre de conhecimento se levantou, virando-se em direção ao som. Porém, meu olhar se desviou para as costas do manto, onde fios de prata se encontravam: uma constelação de estrelas em meio ao tecido azul. Fiquei encantada; desejava perguntar a ele o que aquilo queria dizer.

— Ah, mestre Cartier — cumprimentou a Viúva de onde estava, sob o portal. — Importa-se de acompanhar Brienna até o escritório?

Ele estendeu a mão para mim, com a palma virada convidativamente para cima. Cuidadosamente, apoiei meus dedos sobre os dele. Eu estava quente, ele estava frio. Caminhei ao lado

dele até o fim do corredor, onde a Viúva me esperava. Mestre Cartier pressionou levemente meus dedos antes de me soltar e continuar seguindo pelo corredor; estava me incentivando a ser corajosa, a andar de cabeça erguida e orgulhosa; a encontrar meu lugar naquela Casa.

Entrei no escritório, e as portas se fecharam com um clique baixo. Vovô estava sentado em uma cadeira, e ao lado dele havia outra, esperando por mim. Deslizei sobre ela silenciosamente, enquanto a Viúva contornava a mesa, acomodando-se com um farfalhar do vestido.

Era uma mulher de aparência um tanto severa: a testa era proeminente, reflexo de anos esticando o cabelo para trás sob perucas apertadas. No momento, os cachos, brancos de experiência, estavam quase completamente escondidos por debaixo do capelo inglês de veludo preto, que pousava elegantemente sobre a cabeça. O vestido tinha um tom escuro de vermelho, cintura baixa e gola quadrada, contornada de pérolas. E eu soube, naquele momento, enquanto absorvia sua beleza envelhecida, que ela podia me guiar para uma vida que eu não conseguiria alcançar de outra forma. Para me tornar uma paixão.

— É um prazer conhecê-la, Brienna — cumprimentou-me, com um sorriso.

— Madame — respondi, limpando o suor das mãos no vestido.

— Seu avô me contou muitas coisas maravilhosas sobre você.

Assenti, lançando um olhar constrangido para ele. Vovô me observava com um brilho pesado nos olhos, e apertava o lenço

firmemente outra vez, como se precisasse se segurar em alguma coisa.

— Por que paixão você se sente mais atraída, Brienna? — indagou, atraindo minha atenção novamente. — Ou será que tem uma inclinação natural por alguma delas?

Pelos santos dos céus, eu não sabia. Freneticamente, deixei que minha mente percorresse as cinco de novo: *arte... música... teatro... sagacidade... conhecimento*. Para ser sincera, não tinha qualquer inclinação natural, não tinha talento intrínseco para nenhuma paixão. Assim, disse a primeira que me veio à cabeça:

— Arte, madame.

Naquele momento, para minha consternação, ela abriu uma gaveta, de onde tirou um pedaço de pergaminho e um lápis. Colocou-os no canto da mesa, bem à minha frente.

— Desenhe algo para mim.

A Viúva sinalizou para que eu me aproximasse.

Resisti a olhar para o meu avô, porque sabia que nossa fraude se tornaria óbvia como um sinal de fumaça. Ele sabia que eu não era artista, e eu também sabia que não o era, contudo, peguei o lápis como se fosse.

Respirei fundo, e pensei em algo que amava: mentalizei a árvore que crescia no quintal do orfanato. Era um velho carvalho, sábio e grande, no qual adorávamos subir. Então falei para mim mesma: qualquer um pode desenhar uma árvore.

Desenhei enquanto a Viúva conversava com meu avô, e os dois tentavam me dar certa privacidade. Quando terminei, repousei o lápis sobre a mesa e esperei, observando aquilo que minha mão havia gerado.

Era uma reprodução lamentável. Nem um pouco parecida com a imagem que trazia na mente.

A Viúva encarou o desenho atentamente. Reparei em um leve franzido na testa dela, mas os olhos disfarçavam bem.

— Tem certeza de que quer estudar arte, Brienna?

Não havia crítica no tom dela, mas senti o desafio sutil no âmago daquelas palavras.

Quase respondi que não, que ali não era meu lugar. Porém, quando pensei em voltar para o orfanato e em me tornar uma criada ou cozinheira, como todas as outras garotas do orfanato acabavam se tornando, percebi que aquela era minha única chance de evoluir.

— Sim, madame.

— Então, vou abrir uma exceção para você. Já tenho cinco garotas da sua idade frequentando Magnalia. Você será a sexta arden, e vai estudar a paixão da arte com a mestra Solene. Passará os próximos sete anos aqui, morando com suas irmãs ardens, aprendendo e crescendo e se preparando para seu 17º solstício de verão, quando vai conquistar sua paixão e ganhar um patrono. — Ela fez uma pausa, e me senti embriagada por tudo o que tinha acabado de despejar em cima de mim. — Parece aceitável para você?

Pisquei os olhos, e então gaguejei:

— Sim, muito, madame!

— Muito bem. Monsieur Paquet, o senhor deve trazer Brienna de volta no equinócio de outono, junto com o valor referente à matrícula dela.



Meu avô se levantou apressadamente e se curvou para ela, e o alívio tomava conta da sala como um perfume.

— Obrigado, madame. Estamos maravilhados! Brienna não a decepcionará.

— Não, acredito que não — concordou a Viúva.

Levantei-me e fiz uma reverência torta, depois fui seguindo vovô até as portas do escritório. Contudo, logo antes de chegar ao corredor, virei-me para trás e olhei para a Viúva.

Observava-me com expressão triste. Eu era só uma garota, mas conhecia aquele olhar. O que quer que meu avô tenha dito para ela a convenceu a me aceitar. Minha admissão não era mérito meu; não fora baseada no meu potencial. Foi o nome do meu pai que a abalou? O mesmo que eu própria não sabia? Ainda assim, seu nome realmente importava?

Ela acreditava ter me aceitado por caridade, e que eu nunca conquistaria uma paixão.

Escolhi aquele momento para provar que ela estava enganada.

PARTE UM



MAGNALIA



*Sete anos depois*

## CARTAS E LIÇÕES

*Final da primavera de 1566*

Duas vezes por semana, Francis se escondia no arbusto de zimbro que florescia junto à janela da biblioteca. Às vezes, gostava de fazê-lo esperar; tinha pernas compridas, e era impaciente. Imaginá-lo agachado em um arbusto era um agrado para minha mente. Mas faltava uma semana para o verão, e isso me instigava a me apressar. Também era hora de contar para ele. Aquele pensamento fez com que meus batimentos disparassem quando adentrei a quietude das sombras vespertinas da biblioteca.

*Diga a ele que essa será a última vez.*

Levantei a janela delicadamente, captando a fragrância doce dos jardins enquanto Francis erguia-se de sua posição inspirada nas gárgulas.

— Você gosta de me fazer esperar — resmungou, mas sempre me cumprimentava assim.

Tinha o rosto queimado de sol, e o cabelo escuro escapava da trança que o prendia. O uniforme marrom de mensageiro estava úmido de suor, e o sol cintilava na pequena aglomeração de distintivos de conquistas pendurados no tecido acima do coração. Ele se gabava de ser o mensageiro mais rápido de toda Valenia, apesar de seus supostos 21 anos.